

**O 159° ANIVERSÁRIO DA DE BATALHA NAVAL DO
RIACHUELO DE 11 JUNHO 1865 A MAIOR BATALHA
NAVAL DA AMÉRICA DO SUL E A PARTICIPAÇÃO DE
CONTINGENTES DO EXÉRCITO**



**Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento
Historiador Pensador Militar, Memorialista e Jornalista(x)**



LIVRO DIGITAL

Capa digital de Camila Karen Renê com a orientação do autor, tendo por fundo as cores do Brasil e por margens a cor azul turquesa da Arma de Engenharia, a qual o autor integra desde 1953.

SUMARIO

Como foi a Batalha - mapa p.2

Introdução p.3

Uma tentativa de surpresa da Esquadra Paraguaia p.3

Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas p.4

João Guilherme Greenhald p.5

Morte do Guarda-Marinha Greenhalgh em defesa do pavilhão brasileiro durante a Batalha do Riachuelo p.6

Imperial Marinheiro Marcílio Dias p.6

Na Batalha Naval do Riachuelo p.7

Foram quase 11 horas de luta encarniçada p.7

O relato do correspondente do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro p.7

Tenente de Artilharia Antônio Tibúrcio de Souza p.8

Capitão Eduardo Emiliano da Fonseca p.8

Destruída a Equadra então inimiga p.9

Currículo cultural sintético do Cel Claudio Moreira Bento em Junho de 2024 p.9



Introdução

A Esquadra brasileira representava concreta ameaça a toda e qualquer

iniciativa terrestre paraguaia. Para Solano Lopez, a retomada de Corrientes deixou essa verdade muito às claras. Impunha-se, para O marechal Solano dirigente o Paraguai, afastar aquela ameaça naval, sem o que as operações de suas forças terrestres estariam comprometidas. E assim se fez. Preparou-se para o ataque a Esquadra paraguaia, o comando de Pedro Inácio Meza e integrada por 14 unidades, sendo 8 vapores de guerra e 6 baterias flutuantes de calibres 68 e 80, apoiados por Artilharia e Infantaria, que ocupavam posições nas barrancas do Riachuelo,

E o que fizeram os paraguaios, Descreveu o Barão de Tefé que **"a chata era um grande e possante batelão de fundo chato, tendo convés à proa e a ré, e uma abertura no meio, como um poço de 2 metros de profundidade; nesse fundo assenta um trilho circular sobre o qual gira a carreta do enorme canhão, cuja boca (estando o eixo da alma horizontal) pontarias podem ser em elevação e em todas as direções do horizonte"**.

E segue a narrativa: **"Assim carregadas, as embarcações estavam quase submersas, e no poço do rodízio se abrigava a guarnição, que se comunicava com os paióis de munição sem se expor. Só uma bomba atirada por elevação ou o ricochete casual de uma bala podiam inutilizar alvo tão difícil de atingir, ao passo que seus artilheiros tranqüilamente girando a carreta não deviam errar um tiro"**.

Os brasileiros, haviam reconhecido Três Bocas e estacionado a jusante de Corrientes. O **"Amazonas"** era o capitânea de uma esquadra que compreendia o **"Iguatemi"**, o **"Parnaíba"**, o **"Araguari"**, o **"Mearim"**, o **"Jequitinhonha"**, o **"Beberibe"**, o **"Belmonte"** e o **"Ipiranga"**.

Uma tentativa de surpresa da Esquadra Paraguaia

Inácio Meza procurou obter a surpresa, descendo o rio na noite de 10 para 11 de junho, com vistas a atacar no alvorecer de 11. Era o domingo da Trindade, **"amanhecera fresco, sereno e iluminado por um sol brilhante a resplandecer num céu sem nuvens"**, escreveria mais tarde o Barão de Tefé a seu irmão, relatando a batalha. De bordo da **"Belmonte"**, o correspondente do **Jornal do Comércio** disse que "pelas 8 1/2 horas da manhã as vigias de todos os navios gritavam: - **Esquadra paraguaya pela proa!**" Barroso, Barão do Amazonas, ao notar a aproximação do inimigo, arvorou as célebres ordens de **"O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!"** e **"Atacar e destruir o inimigo o mais perto que cada um puder!"**

Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas



Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas (Lisboa, 29 de setembro de 1804 - Montevidéu, 8 de agosto de 1882) foi um militar brasileiro da Armada Imperial Brasileira.

Ingressou como Aspirante na Academia de Marinha em 1821. Como Guarda-Marinha e Tenente, lutou na Guerra da Cisplatina, a bordo de navios da Marinha Imperial brasileira. Durante o período regencial atuou na repressão à Revolta da Cabanagem, na Província do Pará, e da "Guerra dos Farrapos", no Sul. Participou da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Na Guerra do Paraguai, comandou a força naval brasileira que venceu, em 11 de junho de 1865, a Batalha Naval do Riachuelo. Essa batalha é considerada pelos historiadores como a mais importante da guerra, pois assegurou a hegemonia brasileira nas comunicações fluviais mantendo o bloqueio que impediu o Paraguai de receber armamento e os navios encouraçados que encomendara no exterior. Devido à importância do combate, o pintor Vítor Meireles foi designado para retratar o episódio da Batalha do Riachuelo, atualmente o quadro encontra-se no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Durante sua vida militar, o Almirante foi agraciado com diversos títulos: Comendador da Ordem de São Bento de Avis; Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro e Barão do Amazonas.

O Almirante faleceu em 8 de agosto de 1882, em Montevidéu, mas seus restos mortais foram trasladados para o Rio de Janeiro em 1908, onde repousam em monumento erguido em sua homenagem na Praia do Russel.

Foi o comandante que conduziu a Armada Brasileira à vitória na Batalha do Riachuelo, durante a Guerra da Tríplice Aliança. Como consequência dessa vitória, houve expressiva redução na capacidade naval paraguaia, tendo aquela nação, a partir de então, passado a adotar estratégias defensivas até ao fim do conflito.

Barroso foi condecorado com a Imperial Ordem do Cruzeiro e recebeu o título no biliárquico *debarão do Amazonas* em 1866, em homenagem à nau capitânia que comandava na batalha do Riachuelo.

João Guilherme Greenhald



João Guilherme Grenhald de ascendência inglesa e luso-brasileira, Filho de Guilherme Greenhalgh e de sua esposa, Eugênia Vidal. Matriculou-se na Escola Naval em fevereiro de 1862. Nos exames prestados, obteve o quarto lugar numa turma de trinta e um aprovados. Dessa turma, nove foram indicados para o acesso a Guarda-Marinha. De acordo com o Conselho de Instrução, Greenhalgh foi classificado em primeiro lugar, como Chefe de Classe, pois obtivera a "**maior soma de melhores notas de aprovação nas matérias do terceiro ano e exibe melhor comportamento e respeito dos outros**".

Nomeado Guarda-Marinha em 1864, foi designado para embarcar na Corveta Imperial Marinheiro, passando a seguir para a Fragata **Constituição**.

Em princípios de 1865, passou para a Corveta **Parnahyba**, então sob o comando de Aurélio Garcindo de Sá, a fim de adquirir a necessária prática de serviço em operações de guerra.

A 30 de abril, a **Parnahyba** zarpuou de Buenos Aires, juntamente com a Canhoneira **Ivaí** e a Fragata a vapor **Amazonas**, esta com a insígnia do Chefe-de-Divisão, Francisco Manuel Barroso da Silva. A 11 de junho de 1865 participou na Batalha Naval do Riachuelo, em que veio a tombar em defesa do pavilhão brasileiro, juntamente com o Imperia I- Marinheiro Marcílio Dias, os oficiais do Exército capitão Pedro Afonso Ferreira e o Tenente Inácio de Andrade Maia.



Morte do Guarda-Marinha Greenhalgh em defesa do pavilhão brasileiro durante a Batalha do Riachuelo.

Imperial Marinheiro Marcílio Dias



Marcílio Dias

Filho de Manuel Fagundes Dias e Pulsena Dias, era negro, com cabelos negros, encaracolados e olhos pretos.

Ingressou na Armada Imperial como grumete (Recruta) em 6 de julho de 1855, aos 17 anos de idade, sentando praça no Corpo de Imperiais Marinheiros em 5 de agosto do mesmo ano.

Em 1856 embarcou na corveta **Constituição** e, logo após, no navio **Tocantins**, com o então Capitão-de-Fragata Francisco Manuel Barroso daSilva como seu comandante.

A 15 de maio de 1861 recebeu a sua primeira promoção, passando a **Marinheiro de Terceira Classe**. Foi promovido a **Marinheiro de Segunda Classe** em 11 de maio de 1862. No ano seguinte, já na Escola de Artilharia, recebeu a classificação de "Praça Distinta".

Em 1864 embarcou na corveta **Parnaíba**, em expedição ao Rio daPrata. No regresso, a 20 de julho do mesmo ano, foi promovido a **Marinheiro de Primeira Classe** (equivalente hoje a Cabo).

Embarcou na corveta **Imperial Marinheiro** a fim de se habilitar na manipulação de artefatos bélicos, indispensáveis ao serviço de bordo. Matriculou-se na Escola Prática de Artilharia, em Janeiro de 1863, vindo a prestar exame a 10 de dezembro do mesmo ano, quando foi aprovado, passando a usar o distintivo **de Marinheiro-Artilheiro** (especialização de Cabo).

Em 6 de dezembro de 1864, quando o Almirante Tamandaré iniciou o cerco a Paysandú durante a Campanha Oriental (1864-1865), Marcilio Dias teve o seu batismo de fogo contra as forças do Uruguai.

Durante o assalto final à Praça-forte de Paysandú em 31 de dezembro de 1864, uma batalha que durou 52 horas, terminando em 2 de janeiro de 1865, Marcílio Dias foi um dos mais bravos combatentes, tendo ficado famoso

o seu grito de 'vitória', quando subiu à torre da Igreja Matriz de Paysandú acenando para os seus companheiros com a bandeira do Brasil.

Na Batalha Naval do Riachuelo

O Parnaíba sofre o choque de três vapores paraguaios durante a Batalha do Riachuelo (por Morel-Fatio e Bourcier, publicado em **Le Monde illustré**, 1865).

Sagrou-se herói na Batalha Naval do Riachuelo em 11 de junho de 1865, no início da Guerra da Tríplice Aliança.

Quando a corveta Parnaíba, onde chefiava o rodízio raiado de ré, foi abordada por três navios paraguaios, travou uma luta corpo a corpo contra quatro inimigos, armado de sabre, abatendo dois deles. Na luta teve seu braço decepado na defesa da bandeira do Brasil. Os ferimentos sofridos causaram-lhe a morte no dia seguinte, 12 de junho, com apenas 27 anos de idade, sendo sepultado com as honras do cerimonial marítimo nas próprias águas do rio Paraná, em 13 de junho de 1865.

Foram quase 11 horas de luta encarniçada

Foram 10,50 horas de luta encarniçada, repleta de atos de heroísmo, naquele trecho do rio Paraná, próximo à foz do Riachuelo. Na batalha, tomou parte ativa a Brigada Coronel Bruce, à qual pertencia uma bateria do **1º Batalhão de Artilharia a Pé**, comandada pelo intrépido Tenente Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, mais tarde consagrado junto com o General Osório como um dos dois heróis do Exército mais populares do Exército na Guerra do Paraguai.

O relato do correspondente do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro

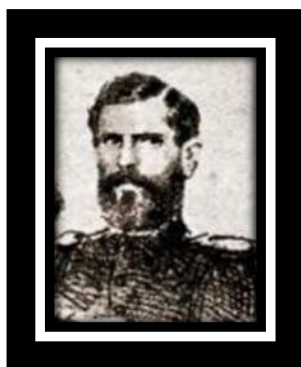
O relato do correspondente do **Jornal do Comércio** dá conta que "**A Belmonte, ocupando a vanguarda e a grande distância dos outros, expoz-se só àquele fogo mortífero, como para uma experiência lutou com 8 baterias flutuantes e uma bateria de terra, que se socorria também do fogo de fuzilaria continuado! A Belmonte acreditava o pavilhão; de raros em raros intervalos a morte passeiava em nossas taboas; o chão do navio ficou escorregadio do sangue de nossos irmãos de armas. Eram os filhos de Santa Cruz que se sacrificavam nos altares da pátria, com o máximo valor possível!**" Do fogo do inimigo sobre o "**Belmonte**" resultou a morte de um soldado do **1º Batalhão de Artilharia a Pé**, comandado pelo intépito tenente Tibúrcio.



Tenente de Artilharia Antônio Tibúrcio de Souza
General Antônio Tiburcio Ferreira de de Souza que como Tenente de Artilharia
combateu heroicamente em Riachuelo a bordo do Beberibe e depois do Belmonte

O tenente Tibúrcio, a bordo do "**Beberibe**" e depois do "**Belmonte**", **"tomou a parte que lhe competia, assinalando-se por sua coragem não vulgar, arrostando todos os perigos porque passara aquele vaso de guerra. Nem um instante retrocedeu, mas achando-se sempre onde a luta era mais renhida, ele animava com seu exemplo os seus soldados, dando entusiásticas vivas ao Brasil e ao Imperador e foi condecorado com a Medalha de Prata de Riachuelo.**

Quando o contingente do **1º Batalhão de Artilharia a Pé** ao comando do Tenente Antônio Tiburcio desembarcou, o Comando em Chefe da Força Naval em operações contra o Paraguai registrou, em sua Ordem-do-Dia nº 1, de 1º de março de 1866: "**Comunico à Esquadra que, por conveniência do serviço, vai ser privada da coadjuvação importante dos contingentes do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, este ao mando do Capitão Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza e aquele do Capitão Edmundo Emiliano da Fonseca. Estes contingentes comandados por tão distintos oficiais prestaram serviços dignos dos maiores elogios não só pela distinção com que se houveram nos combates como pelo seu comportamento exemplar durante o tempo em que estiveram embarcados**"



Capitão Eduardo Emiliano da Fonseca.
Capitão Eduardo Emiliano da Fonseca um dos 7 heróis filhos de Rosa da
Fonseca a Patrono da Família Militar do Exército que tombou

heroicamente em combate na Batalha de Itororó e com ele foi ferido gravemente seu irmão Manoel Deodoro da Fonseca e em Curuzu tombou ao 21 anos seu irmão Afonso Aurélio e em Currupaiti tomou o Capitão Hyppolito.

Em sua famosa carta íntima à família, narrou o Barão de Tefé que "enfim, do contingente do Exército o que posso dizer, é que no meu navio só o uniforme distinguia as corporações. A mais real amizade reinou entre a Marinha e o Exército, e si durante o largo tempo de convivência no limitado espaço de uma canhoneira nenhum choque nem atrito interrompera as nossa cordiaes relações, não admira que debaixo de fogo combatêssemos inspirados pelo mesmo entusiasmo de defensores da patria".

Destruída a Equadra então inimiga

Destruídos alguns de seus vasos e forçados à retirada os demais, tiveram os paraguaios praticamente aniquilada sua até então poderosa esquadra que ousara, inclusive, incorporar o "**Marquês de Olinda**". Esse navio foi retomado pelos brasileiros que, no dia 17, decidiram inutilizá-lo, incendiando-lhe o casco.

O glorioso onze de junho representou, para a Marinha do Brasil, a conquista da supremacia fluvial sobre o inimigo e garantiu a liberdade de ação de que tanto necessitavam as forças terrestres para invadir e vencer o Paraguai." E foi destruída a capacidade ofensiva estratégica do inimigo" secundo este autor Cel Bento, Este **Livro Digital** estará disponível em Livros e Plaquetas em Conflitos no meu site www.ahimtb.org.br, criado por meu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, autor o livro Navegação Integrada e que por longo tempo foi Professor de Navegação na Esola Naval e Historiador Naval que figura em meu Livro Digital **Militares em Atividade** disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas em Personalidades no citado site e no Google.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM SETEMBRO DE 2023



Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento

Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado - Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes, Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980 onde criou em sala espacial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 150 obras (Álbuns, livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados como Plaquetas no citado site. Publicou: **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia uma caminhonete Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20, então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás

e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes e foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias - o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2024 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603- Bloco B - Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com. Toda a sua obra historiográfica está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência.